

Os Três Mosqueteiros Marítimos Vistos pelos Chineses

JIN GUO PING* E WU ZHILIANG**

Homem e mulher dos países atlânticos. As ilustrações de “estrangeiros” reproduzidas neste artigo integram o chamado “Quadro dos tributários do imperador Qianlong” (2.ª metade do século XVIII). Este, nos seus mais de 60 metros, inclui cerca de 600 figuras humanas (de estrangeiros, ocidentais e orientais, e das diferentes minorias nacionais).



INTRODUÇÃO

Na época dos Descobrimentos, Portugal, Espanha e Holanda constituíam três potências marítimas. Foram os pioneiros nas relações Europa-China e as suas sucessivas vindas ao Extremo Oriente representam importantes eventos na História Moderna, do Mundo e da China.

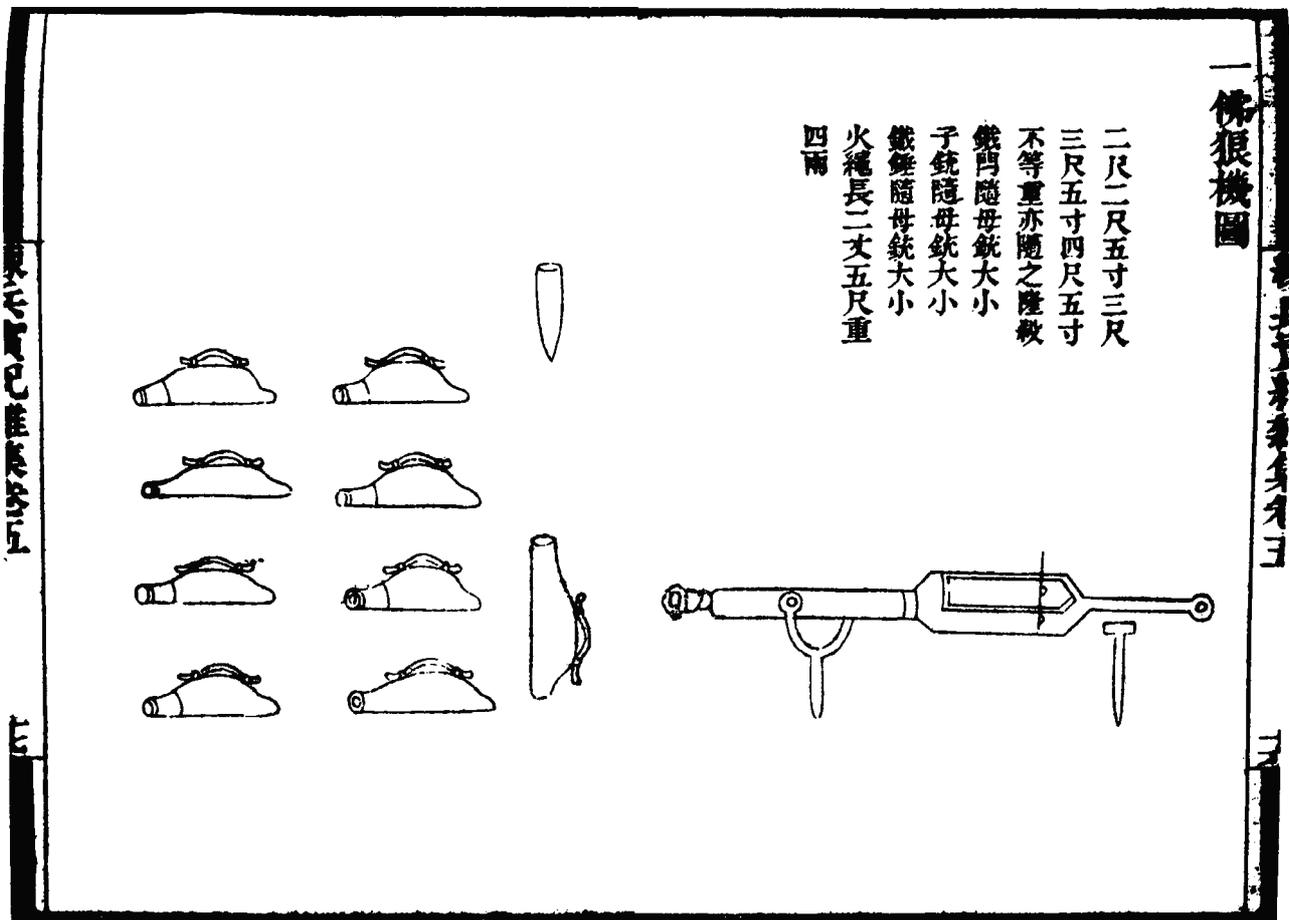
Portugal foi o pioneiro dos pioneiros. Com a conquista portuguesa da Malaca em 1511¹, os lusos começaram a navegar em direcção da China. Em 1513, Jorge Álvares chegou a Tamão², no delta do rio das Pérolas. Em 1517, Tomé Pires³, o primeiro embaixador português e também o primeiro da Europa, desembarcou na cidade de Cantão, encetando as relações oficiais com a China Ming. A partir de 1553, com o assentamento da paz entre Wang Bo 汪柏 e Leonel de Sousa, os portugueses passaram a frequentar Macau, onde, desde 1557, se fixaram com o conhecimento das autoridades máximas de Pequim⁴ e aí criaram um importante empório do “comércio da China” e ponto da irradiação do Catolicismo em todo o Extremo Oriente. Com a circum-navegação de Fernão de Magalhães, os espanhóis descobriram as Filipinas em 1521 e, após várias tentativas, ocuparam-nas em 1576, convertendo-as numa plataforma do comércio com a China⁵. Manila chegou a ser um dos pontos, de partida ou escala, na rota trans-Pacífico da seda que culminava na mediterrânica Sevilha. Com a extinção da Casa de Flandres, os holandeses, proibidos pelos Hasburgo de se abastecerem de especiarias em Lisboa, já sob a coroa dualista, viram-se obrigados a sair ao mar no encaço dos Ibéricos, numa luta verdadeiramente planetária com portugueses e espanhóis.

* 金国平 Tradutor e investigador da História de Macau e da História das Relações Sino-Portuguesas. Licenciado em Português pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim.

Translator and investigator of the History of Macao and of the History of Sino-Portuguese Relations. He holds a Degree in Portuguese from Beijing University of Foreign Studies.

** 吴志良 Doutorado em História pela Universidade de Nanquim. Vice-presidente do Instituto das Relações Chinesas com o Exterior. Administrador da Fundação Macau.

Ph.D. in History from the University of Nanjing. Vice-president of the China Overseas Relations Association. Chairman of the Macao Foundation.



Uma das primeiras ilustrações chinesas do canhão *fulangji*, in *Chouhai Tubian*, 1562.

Os “três mosqueteiros marítimos” saíram do Velho Mundo e reencontraram-se na China.

Os portugueses foram inicialmente conhecidos por *fulangji* 佛郎机 e os espanhóis receberam o nome de *lūsong* 吕宋⁶. Os holandeses, pelas suas características fisionómicas, muito diferentes das dos Ibéricos, foram baptizados de “Bárbaros de Pêlos Ruivos” ou “Bárbaros Ruivos.”

Fulangji vem de “Frangues”⁷, nome pelo qual os muçulmanos designavam os cristãos da Europa Ocidental e pelo qual, a partir das Descobertas Marítimas, passaram a chamar os portugueses, integrantes da Europa Cristã.

Estas designações dadas pelos antigos chineses aos primeiros europeus chegados ao litoral do Império do Meio são a prova de que na altura o conhecimento chinês sobre geografia mundial estava muito atrasado. Este atraso tinha muito a ver com a tradicional mentalidade chinesa de estabelecer uma diferença entre

a sua própria cultura e as culturas não chinesas. Para a milenar e sinocêntrica mentalidade chinesa, tudo o que estivesse fora do Império do Meio era barbárie, conseqüentemente, toda a cultura não chinesa era considerada como dos “bárbaros”. Este conceito do mundo, um pouco bizarro, que considerava a China o centro imaginário do espaço universal esteve sempre presente na antiga cartografia chinesa e só veio a ser ultrapassado com o mapa-múndi introduzido por Matteo Ricci em finais do século XVI.

Tal como os primeiros europeus registaram as suas impressões sobre a China, criando algumas imagens do Império do Meio, os chineses confiaram aos seus pincéis as primeiras informações sobre os novos elementos do seu “sistema tributário”, criando algumas “figuras” na memória colectiva chinesa.

Graças aos estudos sistemáticos e pioneiros de Rui Loureiro, conhecemos já a imagem da China na literatura ibérica dos séculos XVI e XVII⁸. Este nosso

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

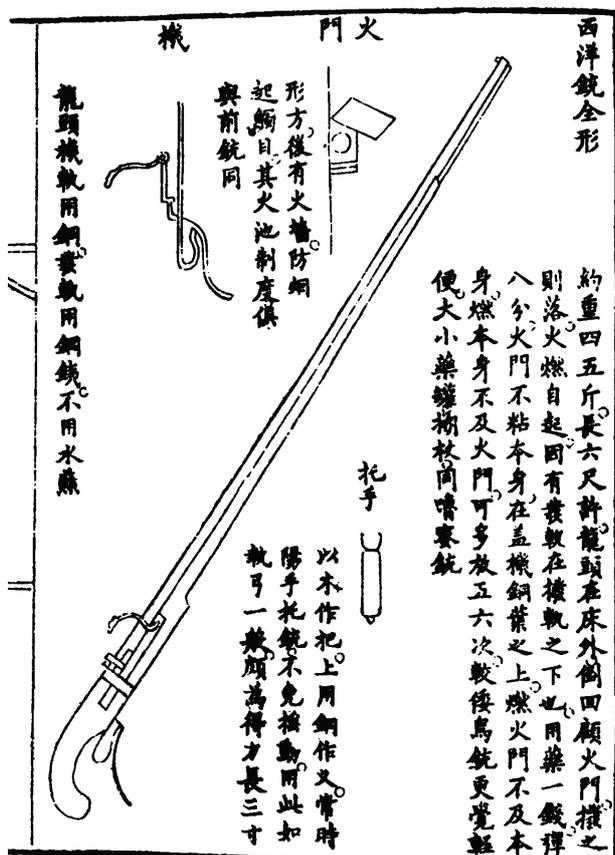
trabalho pode ser considerado como uma tentativa de sentido contrário.

O volume de informações chinesas sobre os europeus em questão é imenso, pelo que nos restringiremos aos relatos testemunhais das autoridades locais que receberam a primeira embaixada portuguesa, de pessoas que visitaram Macau ou de mandarins que assumiram responsabilidades sobre a Cidade do Santo Nome de Deus.

Em rigor, estes relatos testemunhais devem considerar-se como literatura de viagens, base do imaginário sobre o exótico de determinada época. Estas comunicações, “vistas” ou “vvidas” pelos seus autores, merecem a maior confiança. Pelo exotismo que transmitem, uma vez circulando através da leitura, levam à divulgação de novas imagens que se transmitem mais rápida e amplamente do que através de qualquer outro género literário.

Este tipo de literatura oferece elementos importantes para a reconstituição do pensamento e mentalidade do povo chinês no momento dos seus

Ilustração e descrição da pistola in *Choubai Tubian*, 1562.



primeiros contactos com os estrangeiros que lhes apareceram e reveste-se de fundamental importância para o estudo das primeiras imagens criadas no imaginário colectivo chinês sobre os novos povos vindos de terras desconhecidas e longínquas, assaz diferentes das comunidades persas e árabes com que estava familiarizado desde há séculos. Foi na Era Moderna da História da China que se verificaram-se as maiores mudanças no seu conceito do mundo. Indubitavelmente, estes relatos testemunhais sobre o exótico contribuíram decisivamente para a modernização da mentalidade chinesa. É com este sentido que afirmamos poderem estas descrições testemunhais ser consideradas como literatura de viagens, viagens no interior da própria China, num local que saíra do anonimato e se transformara num ponto de introdução de novas ideias e novos produtos, guiando, assim, os leitores numa viagem ao exótico dentro do próprio território chinês. Talvez possamos chamá-la de “Literatura de Viagens em Macau”.

Este tipo de narração, quando comparado com os documentos oficiais e as histórias dinásticas oficiais, oferece uma leitura muito mais ligeira, com descrições multifacetadas sobre quase todos os aspectos da vida dos estrangeiros. É agradável, por ser minucioso, mais objectivo e neutral e isento de preconceitos culturais.

Nestes relatos pormenorizados dos letrados está patente uma natural e humana curiosidade pelos “bárbaros”, o que traduz uma certa abertura da conservadora mentalidade chinesa, simbolizando também o início de uma lenta mudança.

A Literatura de Viagens, género sem moldes rigorosos, goza de uma grande liberdade de estilo e flexibilidade temática de modo a abarcar todos os aspectos da vida humana e natural. É a forma literária preferida pelos letrados chineses para poderem pôr em texto o que vêem, ouvem, observam e pensam, dando-lhes liberdade e alegria na sua produção literária.

Pelo seu carácter testemunhal, por vezes são citados como fontes históricas, numa complementaridade não censurada das bem trabalhadas histórias oficiais que normalmente nos não dão uma visão objectiva e detalhada dos estrangeiros, de modo que esta “Literatura de Viagens em Macau” constitui uma fonte mais isenta para o estudo sobre as imagens dos portugueses e outros povos europeus, nos primórdios de Macau.

Tendo sido os portugueses os primeiros a entrar em contacto com os chineses, é sobre eles que existe

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

maior caudal de informação escrita nas fontes chinesas, fontes que podemos dividir em anteriores e posteriores à fundação de Macau.

Anterior ainda à fixação portuguesa em Macau, a primeira informação é sobre a embaixada de Tomé Pires.

Quando Tomé Pires desembarcou em Cantão, foi Gu Yingxiang 顾应祥, *haidao* 海道⁹ interino, quem pessoalmente se encarregou da embaixada na que dizia respeito aos trâmites burocráticos. Na sua obra *Jingxuzhai Xiyinlu* 静虚斋惜阴录 (Antologia de Estimação do Tempo da Sala da Nulidade Silenciosa) relata a chegada daquela embaixada. É um relato testemunhal, com grande valor histórico para uma melhor compreensão das circunstâncias em que se desenvolveu a missão portuguesa. Dada a sua importância, julgamos oportuno publicá-lo na íntegra:

“O *fulangjichong* 佛朗机銃 (canhão dos Frangues, berço) veio inicialmente do Fulangjiguo (País dos Frangues). No reinado de Zhengde 正德 (1506-1521)¹⁰, estava eu nas funções de sub-comissário da Administração Judicial de Cantão, quando o *haidao* Wang Hong 汪鋐¹¹ foi em missão oficial a Pequim, de modo que passei a acumular os assuntos do *haidao* (circuito marítimo)¹² da pasta dele. De repente, apareceram três embarcações bárbaras ao pé da capital provincial que dispararam três canhões¹³, o que deixou toda a população da cidade assustada. Antigamente, essas embarcações bárbaras costumavam fundear nas baías sob a alçada da guarnição de mil famílias de Dongguan 东莞. Nunca houve embarcação alguma que tivesse chegado ao pé da capital provincial. O superintendente do comércio marítimo Wu Hongci 吴洪赐¹⁴ informou-me do acontecimento, de modo que fui à Pousada Huaiyuan 怀远驿¹⁵ para os visitar e interrogar. O intérprete era um natural de Fuliang 浮梁¹⁶ de Jiangxi 江西. Fez-me respeitosamente uma representação a dizer que se tratava de uma embaixada mandada pelo Fulangjiguo para apresentar os seus tributos e que o nome do embaixador era Jiabidan 加必丹¹⁷. No entanto, não o recebi. Mandei imediatamente comunicar tudo a Wuzhou 梧州. Ning Cheng 宁城¹⁸, eunuco dos Três Salões, e Guo Xun 郭勋¹⁹, o marquês Wuding 武定, à época no cargo de *zongbing* 总兵²⁰, acorreram ao aviso. O cabecilha²¹ saiu ao longe para os receber mas não se ajoelhou. O censor metropolitano e grande coordenador Chen Jin 陈金²² chegou só, mais tarde, e mandou dar 20 bastonadas



Homem e mulher do país do Pequeno Atlântico (Goa).

no intérprete, dizendo ao superintendente do comércio marítimo: ‘Estes bárbaros vieram de longe, atraídos pela brilho da nossa civilização, mas desconhecem as cerimónias da nossa corte celestial. Sendo eu um alto funcionário nomeado pela corte, mando-os receber instrução protocolar durante 3 dias no Templo Guangxiao 光孝寺²³. No primeiro dia, começaram a fazer genuflexões com a perna esquerda, no segundo dia conseguiram fazê-las com a perna direita e só ao terceiro aprenderam a bater a cabeça no chão²⁴. Só depois é que foram apresentados ao grande coordenador. A repartição do grande coordenador afirmou que aquele país não fazia parte das *Daming Huidian* 大明会典 (Instituições da Grande Ming). Enquanto não chegasse a autorização para seguirem escoltados para a capital, ficavam acomodados na Pousada. Dos produtos apresentados constam, entre outros, corais em rama, *piannao*²⁵, *suofu*²⁶ de várias cores, couraças douradas, vidros. Também há uma coisa que parece *hongxianbe*²⁷ e que se chama *sahala*²⁸. Além disso, havia uma espada de três gumes²⁹. Havia também um terçado de ferro³⁰ tão flexível que quando se solta, depois de dobrado, logo volta ao seu estado normal. Tinha gumes muito cortantes. Estas pessoas têm narizes aquilinos e olhos fundos, muito parecidos com os dos muçulmanos. Vestiam-se de *suofu*, com sobretudo de pele por cima. Usavam bragas de cabedal e uma

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

braguilha também de cabedal que deixava ver os contornos do órgão da masculinidade. O cabecilha costumava ler livros. Peguei num e descobri que se tratava de livros budistas. Mais tarde, veio a autorização para apresentarem os seus tributos. Ao chegarem a Pequim, na visita ao Tribunal dos Ritos, insistiram em não fazer as reverências de genuflexão ao seu titular³¹. Como nessa altura o Wumiao 武庙³² se encontrava numa inspecção no Sul, foram acomodados na Pousada Huitong 会同馆³³ durante mais de meio ano³⁴. Com a entronização do actual imperador, o intérprete foi acusado e condenado e o resto da embaixada foi mandado de volta a Cantão para daí serem expulsos do nosso território.

O canhão era uma das coisas que traziam a bordo. O seu tubo mede 4 ou 5 *chi* 尺³⁵. É barrigudo. Tem uma abertura por onde se metem pelouros de ferro através duma câmara donde, uma vez encaixada dentro do canhão, com a explosão da pólvora a bala sai de rompante. Cada peça possui 4 ou 5 câmaras para disparar alternadamente. Os seus barcos tinham 4 ou 5 peças grossas dos dois lados, escondidas debaixo do convés para fazerem os seus disparos de surpresa, fazendo com que os barcos inimigos se não atrevessem a aproximar-se, pelo que conseguiam andar pelo mar sem rivais.

Nessa altura, a pirataria era desenfreada. Foram mandadas expedições para os perseguir e capturar. O “Pio”, Comandante Lu³⁶ mandou um intérprete entregar-me uma peça para que a examinasse. A peça era revestida de teca e reforçada com 3 ou 4 aros de ferro. Perguntei a razão e responderam-me que era para evitar que o tubo rebentasse aquando do disparo. No dia seguinte, num campo de treino, fez-se uma demonstração. O seu máximo alcance pode atingir os 200 passos. Até aos 100 passos, danifica objectos. Mais além, já não tem força destruidora. A receita da sua pólvora é diferente da chinesa e, portanto, o comandante fez uma cópia. Será que ainda existe em Cantão? Mais tarde, quando Wang Hong foi promovido a Ministro da Guerra, por ordem imperial todas as guarnições fronteiriças fizeram imitações desta peça para se poderem defender dos tártaros do Norte.

Depois de ter sido exonerado do cargo de governador civil de Yunnan 云南, fiquei 15 anos afastado da política activa. Quando, reabilitado, fui para o Ministério da Justiça da capital do Norte, sucediam-se os ataques tártaros contra Shuntian 顺天.

Mais tarde vi, em memoriais ao Trono apresentados por censores imperiais e relativos a casos de negligência que conduziram a fracassos militares, que das fortalezas fronteiriças tinham sido capturadas muitas peças de Fulangji. Os tártaros são bons na cavalaria, mas estas armas de fogo espoliadas não têm para eles grande utilidade. Recentemente vi, num livro ilustrado sobre defesa marítima editado pelo vice-reinado de Zhejiang 浙江, uma gravura com uma peça de Fulangji com cerca de 200 cates e com 3 câmaras, de uns 30 cates cada. Há uma outra diferente do original; deve ser alguma inovação chinesa. Ainda há outra peça mais pequena do que o *fulangji*. Tem uma base sobre a qual se move. A China já possuía este tipo de arma, de maneira que bem podia não ser do modelo do canhão *fulangji*. Digo que o *fulangji* usado nas batalhas navais é muito potente. Também pode ser utilizado na defesa das cidades, mas, nas lutas frente a frente, os nossos *shenqiang* 神枪 (espingardas milagrosas) e *huopao* 火炮 (canhão de fogo) são mais fáceis de manejar.

Analisando os documentos históricos, não se encontra o nome de Fulangjiguo. Há um país que se chama Folin. No reinado de Zhizheng 至正 (1341-1360), em que reinou o Shizhu 世祖 da dinastia Yuan 元 (1279-1368), um país de nome Folan trouxe como seu tributo um ‘cavalo celestial’. Talvez se trate do mesmo país. Além disso, segundo a *Tangshu Xiyuzhuan* 唐书西域传 (Crónica do Território do Oeste na História da Dinastia Tang), em meados do reinado de Kaiyuan 开元 (713-740), o país Dashi (Tajks ou Tazi) enviou cavalos. O embaixador não quis fazer as prostrações e os mandarins responsáveis denunciaram-no. O *zhongshuling* 中书令 (Presidente do Grande Secretariado Imperial), o senhor Zhang 张先生, respondeu que eles tinham usos e costumes diferentes, mas como tinham vindo por respeito e admiração pela China, não se lhes podia imputar qualquer crime. O imperador Xuanzong 玄宗 (685-762) perdoou-os. Ao despedir-se, o embaixador disse que as pessoas da sua terra somente faziam a prostração ao Céu e nunca a nenhum rei. Foi severamente repreendido pelos mandarins e acabou por fazer a devida vénia. Perante tamanha arrogância deste bárbaro de longe, foi-lhe recusado o tributo e foi expulso.

Trata-se dum acto de grande clarividência da nossa augusta dinastia. Pelos vistos, Fulangji deve ser algum território vizinho a Dashi.”³⁷

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

Gu Yingxiang (1483-1565), autor deste relato, era natural de Changxing 长兴, província de Zhejiang. Alcançou o grau acadêmico de *jinsshi* 进士 (doutor), no 18.º ano do reinado de Hongzhi 弘治 (1505). Desempenhou várias funções, tanto a nível da administração local como central. Foi um dos mais conhecidos letrados confucianos da dinastia Ming 明 (1368-1644) e um matemático de renome.

Este texto deve ser posterior a 1562, pois o livro sobre defesa marítima que refere foi xilografado nessa data.

Sendo Gu Yingxiang “sub-comissário da Administração Judicial de Cantão” na altura da embaixada de Tomé Pires e tendo substituído o *haidao* no processamento dos trâmites burocráticos da missão portuguesa, o seu relato merece toda a confiança.

Para compreendermos melhor esta fonte, muito rica em informações sobre os portugueses, parecem-nos necessárias algumas análises contextualizadas.

O relato começa com a afirmação “O *fulangjichong* veio inicialmente do Fulangjiguo”. Não sabendo ao certo onde este ficava, o autor fez uma pesquisa nas histórias oficiais chinesas. Folin que na dinastia Yuan ofereceu um “cavalo celestial” à China é identificado com o Império Romano Oriental. E Dashi que mandou cavalos à China é geralmente identificado com o mundo árabe, com centro em Bagdad.

Pela semelhança fonética, Gu Yingxiang sugere que “talvez se trate do mesmo país”. Na realidade, Folin vem de “Rom”, nome árabe de Roma, e Fulangji vem de “Francos”, via persa (*faranji* ou *firinji*) ou árabe (*ifranji* ou *firanji*)³⁸. Mas o erudito autor não andou longe da verdade ao afirmar “pelos vistos, Fulangji deve ser algum território vizinho a Dashi.”

É dada grande relevância e espaço à descrição do *fulangjichong*. A potência da artilharia portuguesa era tal que Gu Yingxiang recorda “de repente, apareceram três embarcações bárbaras ao pé da capital provincial que dispararam três canhões³⁹, o que deixou toda a população da cidade assustada.”

Para os portugueses, os disparos eram uma forma de saudação, mas os chineses assim o não entenderam, podendo dizer-se ter sido este o primeiro choque entre as culturas Oriental e Ocidental. Mais tarde, após os esclarecimentos dos portugueses, desfez-se o mal-entendido.

Para a China, este sistema de carregar por trás com câmaras era uma grande novidade tecnológica e

Gu Yingxiang apercebeu-se imediatamente da sua importância. Conseguiu que lhe trouxessem uma peça a fim de a poder observar e experimentar com fogo real, registando a sua capacidade destruidora. A sua afirmação e que “os seus barcos tinham 4 ou 5 peças grossas dos dois lados, escondidas debaixo do convés para fazerem os seus disparos de surpresa, fazendo com que os barcos inimigos se não atrevessem a aproximar-se, pelo que conseguiam andar pelo mar sem rivais” refere-se ao sistema de portinhola, inventado em França uns dez anos antes. Como as não pôde observar a bordo, Gu Yingxiang pensou que eram berços, quando, de facto, eram bombardas.

Pela frase “nessa altura, a pirataria era desenfreada” ficamos a saber que a actividade dos piratas estava fora do controle das autoridades e, sendo ele um dos altos responsáveis, não podia deixar de ter um particular interesse na avançada arma de fogo que os portugueses traziam. Até foi obtida uma cópia da receita da pólvora portuguesa.

A partir de documentos internos a que teve acesso, Gu Yingxiang revela que “das fortalezas fronteiriças tinham sido capturadas muitas peças de Fulangji” pelos tártaros. A sua afirmação “os tártaros são bons na cavalaria, mas estas armas de fogo espoliadas não têm grande utilidade para eles” é errada, pois sabe-se que os tártaros se equiparam com essas peças capturadas de que igualmente fizeram imitações, assim conseguindo fazer reverter em seu favor o confronto militar com os Ming. Nos documentos oficiais não há quaisquer referências técnicas sobre a artilharia portuguesa para que não houvesse fuga de informações vitais para a seu fabrico⁴⁰.

Portugal é apresentado como Fulangjiguo que enviara uma embaixada “para apresentar os seus tributos”. Não constava de nenhum registo oficial, mas dada a finalidade da embaixada foram avisadas as maiores autoridades locais para a receberem. Surgiu logo um segundo choque cultural. “O cabecilha saiu ao longe para os receber mas não se ajoelhou”. Por isso, o jurubaça, o famoso Hoja Yasan, foi castigado com bastonadas e o embaixador português e o seu pessoal foram sujeitos a um curso intensivo de protocolo chinês. Gu Yingxiang viu: “no primeiro dia, começaram a fazer genuflexões com a perna esquerda, no segundo dia, conseguiram fazê-las com a perna direita e só ao terceiro aprenderam a bater a cabeça no chão.”

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I



Homem e mulher da Inglaterra.

Mais tarde, “ao chegarem a Pequim, na visita ao Tribunal dos Ritos, insistiram em não fazer as reverências de genuflexão ao seu titular.” Deste episódio, como existem numerosos estudos⁴¹, não vamos entrar em pormenores.

Por este relato ficamos a saber que o conflito em torno do protocolo oficial já vinha de longe, da dinastia Tang 唐 (618-907). Foi por esta razão que o embaixador de Dashi quase foi sujeito a castigo da justiça chinesa. Só a intervenção do imperador lhe salvou a vida, acabando por ser expulso levando consigo o tributo, mesmo depois de fazer a prostração.

Tomé Pires teve melhor sorte. Foi obrigado a umas “liçõezinhas”, mas acabou por ser apresentado às autoridades máximas de Cantão e autorizado a ir à capital imperial.

O relato oferece-nos ainda descrições antropológicas muito interessantes dos portugueses: quanto à forma de nariz, cor dos olhos, tendo sempre como referência a semelhança com os muçulmanos que eram já conhecidos.

Quanto à maneira de vestir dos portugueses, o que mais lhe chamou atenção foi a forma como realçavam os contornos do órgão masculino o que, para a mentalidade chinesa da altura, era muito escandaloso. Segundo a Dr.^a Isabel Correia, do Centro Científico e Cultural de Macau, antigamente, as calças eram peças

de vestuário que cobriam as ancas e, separadamente, cada uma das pernas. No século XII, as calças passam a ser costuradas entre si, levando na parte dianteira a braguilha, espécie de protector genital, presa por meio de botões ou agulhetas à cintura, que constituía a parte dianteira das calças. A braguilha era em forma de triângulo, abotoada por três botões, a fim de facilitar as necessidades fisiológicas. Além da sua função protectora, servia precisamente para realçar a virilidade. Isto talvez possa ser considerado um terceiro choque de culturas.

Atento, Gu Yingxiang observou que “o cabecilha costumava ler livros.” É a prova chinesa de que o autor de *Suma Oriental* era amigo da leitura. Por curiosidade “peguei num e descobri que se tratava de livros budistas.” Esta é uma afirmação precipitada. Talvez o facto de o Budismo ter sido introduzido na China a partir da Índia, a Oeste, tenha levado o letrado chinês a fazer esta afirmação, dado que os portugueses também vinham do Oeste.

Esta ideia de os portugueses lerem livros budistas e prestarem culto a Buda foi depois repetida por vários outros autores.

Quando os jesuítas chegaram à China e ao Japão, no intuito de melhor se integrarem nas sociedades locais, adoptaram o nome de *Tianzhu Seng* 天竺僧 (monges da Índia) ou *Tianzhuguo Seng* 天竺国僧 (monges do País da Índia) – em japonês *tenchicujins*⁴², “padre de Tengicu”⁴³. No colofon de *Xinbian Xizhuguo Tianzhu Shilu* 新编西竺国天主实录 (Novo Verdadeiro Catecismo do Senhor do Céu do País de Xizhu), editado, em Novembro de 1584, pelo jesuíta italiano Michele Ruggieri, podemos ver: “Composto por monge do País de Tianzhu ao 3.º dia do catecismo, na 8.ª lua do Outono do ano *jiasheng* 甲申 do reinado de Wanli 万历 (1573-1620)⁴⁴. A adopção de um nome já conhecido, na sua tentativa de introduzir o Cristianismo na China e no Japão, talvez tenha sido o primeiro estratagema da política de acomodação dos inacianos. Os jesuítas bem podiam ser considerados como *Tianzhu Seng*, porque de facto tinham vindo de uma terra na Índia, Goa; só que era difícil para um chinês ou japonês saber qual a diferença entre um monge católico e um monge budista. Mas isto não tardaria em ser revelado com a divulgação da doutrina cristã. Os chineses e os japoneses acabaram por saber que os novos *Tianzhu Seng* não eram os mesmos *Tianzhu Seng* que conheciam.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

Vejamos agora uma crónica posterior à fundação de Macau.

Oito anos após a fundação oficial de Macau, o letrado Ye Quan 叶权 (1522-1578)⁴⁵ visitou Macau e deixou-nos um relato muito detalhado sobre os primeiros tempos de Macau. Se o Memorial ao Trono de Pang Shangpeng 庞尚鹏, de 1564, considerado como o primeiro documento oficial sobre Macau⁴⁶, se caracteriza pelo seu conteúdo político, este relato oferece-nos muitos pormenores interessantes em termos antropológicos, religiosos, culturais, arquitectónicos, etc.

Eis a parte relativa às suas *You Lingnan Ji* 遊嶺南記 (Crónicas da Viagem a Lingnan)⁴⁷:

“A espingarda de bico de ave é uma arma de fogo portátil dos *fulangji*. A fabricada pelo País do Japão é mais curta e com abertura por trás. A feita pelos *fulangji* é mais comprida e toda fechada. Cada um anda com uma arma destas tal como os chineses andam com os seus arcos e flechas [...] Vi como um *fulangji* lançou um pequeno frasco ao mar, disparou contra ele que estava a flutuar nas ondas e o desfez em pedaços. Isto é o seu ponto forte e em que se apoiam; por isso, de entre os bárbaros, só os *fulangji* se atrevem a mostrar a sua arrogância, a fazer e desfazer.

Tendo em consideração que o orçamento militar de Guangdong depende dos [direitos pagos pelos] navios bárbaros, não se vê qualquer inconveniente se os bárbaros, sem outras ambições, apenas pretenderem fazer rentabilizar seus produtos com a abertura da feira marítima e através do comércio conosco. No entanto, o que se verifica hoje em Macau é a reunião de milhares de bárbaros numa povoação como uma grande cidade, que fazem os chineses seus criados e que se casam com mulheres chinesas, tomando-as e aos seus filhos como escravos. Os oficiais militares imperiais acreditados em Macau e os funcionários alfandegários chineses não têm capacidade suficiente para os controlar; apenas podem tentar tranquilizar, com promessas vagas, o ânimo dos bárbaros para que se não revoltem. Os bárbaros que frequentavam as feiras marítimas, anteriormente realizadas a bordo dos navios, uma vez findas as transacções, iam-se embora e tornavam no ano seguinte. Mas agora, quando terminam as feiras, em vez de partirem, deixam os seus navios e instalam-se em terra, em casas já construídas. Os bárbaros que são, por temperamento, astutos, com a orientação de rebeldes ou fugitivos aí refugiados, adquirem profundos

conhecimentos sobre as vantagens e desvantagens da China bem como sobre as facilidades de navegação por via fluvial até à cidade de Cantão. Como poderá persistir esta situação? Não deverão as autoridades procurar uma solução?

Na última Primavera⁴⁸, no motim no distrito de Dongguan os rebeldes conseguiram chegar, a bordo de lorchas e ao som de tambores, à capital da província, obrigando ao encerramento das portas da cidade em pleno dia. Até ousaram festejar no Templo da Concubina Celestial. O comandante Tang Kekuan 汤克宽 com eles teve vários combates, mas em todos foi mal sucedido. Mandou, então, um mensageiro aos bárbaros de Haojing’ao 濠镜澳 (Baía da Vieira, Macau) solicitando-lhes apoio para derrotar os rebeldes com a promessa de os isentar da medição em caso de vitória, o que não correspondia a qualquer ideia do Governador Civil Provincial. Obtido a vitória, o comandante Tang considerou-a como mérito seu e o *haidao*⁴⁹, desconhecendo o prometido, não os isentou do pagamento da medição. Os bárbaros, inconformados, recusaram-se a pagar os direitos, o que fez com que as autoridades provinciais procurassem colocá-los em apuros. Foi proibida a exportação de víveres para Macau. Esfomeados, os bárbaros acabaram por pagar os direitos, mas lamentaram a falta de dignidade e de palavra dos chineses, sem saberem que tudo tinha sido obra do comandante Tang. As autoridades da instância superior, também na ignorância da promessa feita pelo comandante Tang, pensavam, por sua vez, que os bárbaros eram muito difíceis de controlar. Os conflitos surgem sempre assim, isto é, da falta de comunicação entre as partes.

Os bárbaros da ilha (Macau) que vivem em casas são todos de Fulangji, que é um país do Grande Mar de Oeste. São pessoas brancas e limpas, com cabelos e barbas fartas, narizes aquilinos, sobrancelhas compridas e achegadas aos olhos que são muito verdes. Usam chapéus vermelhos, calças e jaquetas feitas de *sahala* ou de sedas e brocados coloridos, enfeitados com flores da ameixeira ou com os “oito tesouros”⁵⁰. Tudo é muito garrido e bonito. Calçam sapatos de couro que são muito justos para facilitar os movimentos. Nas mãos, usam luvas feitas de cabedal macio. Às vezes andam com um rosário na mão esquerda e uma vara na direita. Quando faz mais frio, usam chapéus de feltro e sobretudos por fora, que

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

são parecidos às capas budistas. Os dos ricos são de *sabala* vermelha, com um colarinho cor violeta, de pele, aparado. No peito, usam berloques de ouro e outros adornos. Os seus anéis são incrustados de pedras preciosas do Mar de Oeste. Perfumam o corpo com óleos aromáticos. Trazem à cintura uma “parão”⁵¹, de um *chi* de comprimento e adornada de ouro e prata. Os punhais que têm uma aparência mais preta são envenenados. Andam seguidos de 4 ou 5 escravos pretos armados de paus e espadas compridas e que lhes seguram os guarda-sóis encarnados. Há uma espada com uma lâmina de ferro tão flexível que, quando se dobra e a seguir se solta, recupera logo a sua forma inicial. Mesmo os pobres, os humildes e os escravos têm as suas roupas garridas. Os que estão de luto usam roupas pretas e chapéus pretos, não podendo utilizar outras cores. As suas mulheres são ainda mais brancas. Têm uma cabeleira bonita que é puxada para trás da cabeça e coberta com um lenço ou um pedaço de brocado bordado. Usam brincos de ouro nos lóbulos e sapatos de couro. Andam com uma grande capa feita de algodão ou brocado bordado que cobre o todo corpo até ao chão, só deixando à mostra a sua cara. Estão cheias de jóias variadas. Os homens tiram o chapéu e arrastam um pé em sinal de vénia e as mulheres fazem vénias semelhantes às *wanfu* 万福 (dez mil felicidades) das chinesas. São muito dedicados ao culto de Buda. Os livros bárbaros lêem-se horizontalmente. A sua pronúncia, que é como uma ave canora, tem muitos “r”. De 3 em 3 ou de 5 em 5 dias, vão uma vez à Igreja do culto semanal, onde ouvem os monges esclarecer as causas e consequências das coisas, ou sentados ou levantados, de pé ou encostados. Quando abandonam a igreja, há quem saia com lágrimas nos olhos e em lamúrias. A imagem santa que cultivam é um pau de sândalo onde está um homem nu que mede 6 ou 7 *cun* 寸⁵² e com os 4 membros estendidos e as mãos e os pés cravados. Dizem ser um seu antepassado que está a sofrer esta pena por uma maldade que fez. Deve ser alguma história arranjada por este seu antepassado para os ajudar a sair da sua incivilidade e conter o seu carácter violento. Por baixo há alguns painéis de madeira, com 9 divisões. As 3 superiores têm um retrato parecido com Laozi 老子. Nas 3 do meio está uma gravura em que se vê que o seu antepassado a ser acarinhado pela mãe à nascença. As 3 inferiores representam uma cena familiar com uma mulher bonita, com um homem nu ao colo. Não sei o que é isto. A explicação do jurubaca



Homem e mulher da Holanda.

não me deixou nada esclarecido. A pintura parece estar por trás de um vidro, como baixos-relevos. As suas fisionomias, com a cara, olhos e sobranceiras tão bem feitos, parecem de pessoas vivas, mas todos os da ilha (Macau) afirmam ser uma pintura. Observei com muito cuidado as que são como esculturas e descobri que a pintura está por trás de um vidro, por isso, tem um ar nebuloso. Se fosse só uma pintura, como é que daria essa impressão enevoada?!

As suas casas têm as paredes forradas de tábuas de madeira, do chão até ao tecto. Pelo chão, espalham ervas macias. Sentam-se em camas e bancos bárbaros. As comidas são preparadas com fogo. Bebem vinho do Mar de Oeste, que tem um sabor muito generoso. Uma vez deitado num copo de vidro, apresenta uma cor parecida com o âmbar. Não usam nem colheres nem pauzinhos. Servem-se de um pano de 1 *chi* quadrado para pôr em cima uma faquinha, com que se corta a comida. Lavam-se com jarros de barro e não se muda a água usada.”⁵³

Durante a sua estadia em Macau, possivelmente entre fins de 1565 e princípios de 1566, foi a espingarda portuguesa o que mais chamou a atenção a Ye Quan. Por isso, o texto começa com a descrição de uma demonstração de tiro que presenciara. Curioso é o facto descrever a diferença entre a genuína, a portuguesa, e a sua imitação japonesa. Pelo seu relato ficamos a saber

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

que então todos os portugueses de Macau andavam armados de espingarda, concluindo “isto é o seu ponto forte e em que se apoiam; por isso, de entre os bárbaros só os *fulangji* se atrevem a mostrar a sua arrogância, a fazer e desfazer.” A superioridade militar⁵⁴ lusa está bem à vista.

Sobre esta situação, Matteo Ricci informa: “É Macgao una città de’ Portoghesi nella sponda del mare della provincia di Quantone, in un braccio di terra che fa una península di due o tre miglie in circuito. Perciochè i Portoghesi, subito che scoprirano la grandezza e ricchezza di questo regno, sempre procurorno con ogni diligentia aver commercio con esso. Ma i Cinesi sempre banno paura de’ forastieri, specialmente quando veggono essere animosi e guerrieri, come facilmente vedevano essere i Portoghesi, dalla gente armata e dalle navi che erano le magiori che mai loro viddero. E quello che gli spaventò pie forno le artiglierie grosse, mal viste nè udite nella Cina. Accendendo questo fuogo molti saraceni maomettani, che stanno nella città di Quantone, che subito dissero ai Cinesi esser questa gente de’ Franchi, come i maumettani chiamano ai christiani di Europa (e non potendo i Cinesi pronunciare la lettera r, che non hanno nella sua lingua, vennero a chiamarli sino adesso Falanchi, col qual nome chiamano anco l’artiglieria, senza tenere altro sin hora) e che erano huomini valenti e conquistatori de’ regni altrui, sapendo già che avevano per forza d’armí soggettata Malacca et altri regni della India.”⁵⁵

Perante esta realidade, “os oficiais militares imperiais acreditados em Macau e os funcionários alfandegários chineses não têm capacidade suficiente para os controlar; apenas podem tentar tranquilizar, com promessas vagas, o ânimo dos bárbaros para que se não revoltem.” Esta situação, observada e registada por um civil, confirma a sua superioridade militar. Ye Quan esteve em Macau um ano apenas depois da repressão dos amotinados de Zheling 柘林. Sabendo das causas do que se tinha passado entre os portugueses e as autoridades de Cantão, criticou mordazmente os mandarins pela sua falta ao compromisso e lamentou-se: “os conflitos nascem sempre assim, isto é, da falta de comunicação entre as partes.”

Talvez possamos sugerir uma justificação para o pouco digno comportamento mandarínico. Primeiro, não esperavam uma tão rápida vitória dos portugueses sobre os marinheiros em revolta. Fizeram aquela promessa sem a intenção de algum dia a terem de

cumprir, mas era vital mobilizar os portugueses para a resolução de um caso que lhes causava fortes dores de cabeça. Segundo, uma vez alcançada a vitória, tinham que informar Pequim e não podiam revelar o auxílio militar português, decisivo na repressão do motim. Pelo menos em documentos oficiais, muito embora Pequim pudesse saber da verdade que, no entanto, não convinha que fosse divulgada. Por último, isentar os portugueses do pagamentos de direitos necessitava de ser justificado junto da corte. Então, as autoridades de Cantão preferiram faltar ao compromisso assumido a terem que revelar toda a verdade. Mas a ajuda lusa era do conhecimento público. Ye Quan, chinês, mas um letrado honesto, que ultrapassava o nacionalismo perante a verdade, fez justiça aos portugueses.

Por este relato sabemos que a arma mais letal de que a China dispunha, desde sempre, era a fome, cuja eficácia era muito superior a milhares e milhares de efectivos. Esta política foi aplicada em Macau antes da criação da Porta do Cerco, em 1574.

Quanto às descrições da cor da pele, roupas e adornos dos portugueses, Ye Quan enche o seu relato de adjetivos muito positivos – “brancas”, “limpas”, “coloridas”, “aromáticos”, “garridas”, “mais brancas”, “bonita” –, dando imagens muito positivas dos portugueses, em contraste com os documentos oficiais que os descrevem como “canibais” e “bárbaros”.

As descrições são tão minuciosas que, a partir delas, se pode pintar o traje português. São verdadeiros quadros!

Também lhe chamou a atenção a sonoridade do português, com muitos “r”, dado não existir este som no seu chinês materno.

No que toca à vida religiosa dos portugueses, repete o erro de Gu Yingxiang ao afirmar que “são muito dedicados ao culto de Buda.” Mas o seu relato sobre a frequência com que os portugueses iam à Igreja, sobre a confissão e o seu estado de espírito depois das actividades religiosas são preciosas.

As suas descrições das imagens de santos e das pinturas religiosas, talvez as primeiras sobre o Catolicismo em toda a literatura chinesa, são verdadeiramente espantosas. Não menos espantosa é a sua justificação para a paixão de Cristo! E associou logo o rosto de Cristo ao santo sábio chinês Laozi.

A Ye Quan se devem as primeiras observações chinesas sobre as pinturas a óleo ocidentais, que “parecem de pessoas vivas”.

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

Ye Quan não esteve menos atento à arquitectura portuguesa ao descrever o interior de uma casa portuguesa onde estivera. “As suas casas têm as paredes forradas de tábuas de madeira, do chão até ao tecto. Pelo chão, espalham ervas macias.” São informações que não constam de fontes portuguesas, mas que nos ajudam a perceber o interior de uma casa portuguesa nos primórdios de Macau, na década de 60 do século XVI. Eram casas mobiladas com “camas e bancos bárbaros.”

No que toca aos hábitos culinários, observou que “as comidas são preparadas com fogo.” Esta observação bem pode ser uma subtil refutação da tão divulgada barbárie dos portugueses, pois para os chineses todos os bárbaros comiam coisas cruas.

Pela sua frase “bebem vinho do Mar de Oeste, que tem um sabor muito generoso” podemos afirmar que talvez tenha sido um dos primeiros visitantes chineses a provar o néctar de Baco; pelo menos foi o primeiro a deixar uma descrição do vinho branco – “uma vez deitado num copo de vidro, apresenta uma cor parecida com o âmbar.”

Naturalmente, o não uso dos pauzinhos não podia deixar de ser mencionado. O autor não refere nenhum garfo, o que não é de estranhar, pois nessa altura as pessoas comiam à mão ou servindo-se apenas de uma faca. Supõe-se que o garfo terá sido utilizado pela primeira vez no século XI nas casas italianas, para comer frutos. A partir de finais da década de 1450, os garfos começaram a substituir as facas, de ponta aguçada, com as quais se retirava a carne dos pratos, mas só por volta de 1620 chegaram à mesa da maioria dos europeus.

São dele ainda as primeiras notícias do uso da faca. Até a maneira como os portugueses se lavavam não fugiu à sua sempre atenta observação.

Outros mandarins ainda nos deixaram, nas suas obras pessoais, informações sobre Macau e os portugueses, numa óptica bem diferentes dos ofícios:

É o caso, por exemplo, da obra *Dongyi Tushuo* 东夷图说 (Livro Ilustrado dos Bárbaros do Leste), concluída em 1586 por Cai Ruxian 蔡汝贤, natural de Huating 华亭, de Songjiang 松江. Cai Ruxian obteve o grau académico de *jinsshi* em 1568, tendo sido nomeado censor. Desempenhou as funções de *canzheng* 参政 (conselheiro) da Administração Civil de Cantão em 1576 e passou a Comissário da Administração Civil de Cantão em 1585. O último posto que ocupou foi o

de vice-ministro da Guerra de Nanquim. Foi enquanto Comissário da Administração Civil de Cantão que recolheu informações para o seu livro.

Eis o capítulo sobre Fulangji:

“O Fulangji ficaria a sudoeste do mar. Nunca tivera contactos com a China, pelo que não se sabe a que espécie pertencia. Estaria no mesmo caminho de Malaca, pelo qual se chegaria até lá. Os seus naturais, são, na sua maioria, ricos. Uma família vive numa mansão. Podem ter centenas de *hu* 斛⁵⁶ de pimenta. Além disso têm grandes quantidades de chifre de rinoceronte, marfim, pérolas e especiarias. Eis os seus usos e costumes: não prestam culto aos espíritos, acreditam em Buda a quem, de 6 em 6 dias, vão prestar culto e gostam de orações. Nos primeiros 3 dias da semana só comem peixe como jejum. No dia do culto semanal⁵⁷ podem comer frango, porco, vaca, cabrito, etc., sem restrições. Os seus nacionais cobrem a cabeça. Os ricos usam chapéus e os humildes, *tandum*. Quando se encontram com uma pessoa de respeito, tiram-nos como vénia. Cortam as barbas e o cabelo. A sua fisionomia é parecida com a dos chineses. No tronco, usam camisas; da cintura para baixo, calças compridas que chegam até à tíbia. Calçam sapatos de couro. As suas roupas, muito limpas, são feitas de *suofu*, tecido do Mar de Oeste⁵⁸, *shala* ou sedas e brocados chineses, cujas cores são muito agradáveis. Andam com uma vara vermelha na mão, sem outras coisas. Não usam colheres nem pauzinhos para comer. Os ricos alimentam-se de trigo e os pobres e os criados comem arroz. Os casamentos fazem-se entre pessoas de situação financeira compatível. Não há casamenteiras. Se as condições familiares o permitirem, vão casar-se perante Buda, com um monge como testemunha. Isto chama-se ‘troca de selos’⁵⁹. Depois disso, levam a noiva para casa. Os noivos costumam dar 14 taéis⁶⁰ às noivas cujos dotes são várias vezes superiores. Há quem tenha filhos de 5 ou 6 mulheres diferentes, por isso, sem uma oferta na ordem de milhares de taéis de prata, os pais não casam as filhas. As suas casas são feitas de madeira. Fazem o comércio com os seus barcos. As transacções são realizadas através dos “queves”. Os cálculos são feitos com os dedos. Mesmo para os negócios de milhares de taéis, nunca fazem contratos. Combinam com juramentos, apontando para o Céu e ninguém se atreve a faltar ao compromisso. Quando se encontram, batem nas costas uns dos outros, na zona correspondente ao coração, mas se, por engano, alguém lhes tocar na

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I



Isaac Commelin, "Maccavw", 1646.

cabeça, ficam logo furiosos a ponto de chegar a vias de facto. Se chamarem nomes só à sua pessoa, mesmo sendo muito feios, não ligam nada. Caso injuriem os seus ascendentes ou descendentes, os seus escravos ou donos, são capazes de brigar até à morte. Por isso, preferem os indígenas como escravos, porque estes podem defender os donos. As pessoas mais pobres são mais dadas a pilhagens, sobretudo aos comerciantes em trânsito. Matam-nos e apoderam-se dos seus bens. Quando encontram oficiais de patrulha podem matá-los, disso o rei não manda fazer devassa. As pessoas que acumularam riqueza, à hora da morte deixam um testamento: isto é para a mulher e filhos e isto para o templo. Na falta de testamento, metade vai para a coroa e o resto para os descendentes e ninguém levanta objecções. A maioria destes bárbaros são agressivos e astutos, sabedores da fundição de canhões. Não há quem possa resistir a uma bala dessa arma que se chama *fulangji*.”⁶¹

Apesar de ser a máxima autoridade da Administração Civil de Cantão, Cai Ruxian continuava sem saber a situação geográfica exacta de Fulangji, que, no entanto, calculou – “estaria no mesmo caminho de Malaca, pelo qual se chegaria até lá” – baseando-se no facto de Malaca ter sido conquistada e a China ter plenos conhecimentos geográficos para Leste de Malaca até à Coreia. A julgar pelos portugueses que tinham vindo comerciar à China, teve a impressão de que “os seus naturais, são, na sua maioria, ricos.” E enumera os produtos exóticos que traziam, salientando a quantidade astronómica da pimenta.

Quanto à sua religião, afirma que os portugueses “acreditam em Buda”, “gostam de orações” e vão “de 6 em 6 dias” à missa. O jejum chinês é vegetariano, por isso, Cai carregou bastante na sua descrição sobre o jejum católico que era uma novidade. O costume de “tirar o chapéu” chamou-lhe a atenção. A afirmação

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

de que “cortam as barbas e o cabelo” significa que eram um povo civilizado. Ele, que viu os portugueses, realça a semelhança fisionómica, sobretudo quanto à cor da pele, entre portugueses e chineses. Aliás, da parte portuguesa, os principais cronistas da época afirmam, com base em informações obtidas no litoral do Índico, que os chineses eram tão brancos como os europeus.

Nesta obra não faltam descrições sobre os trajas dos portugueses – “da cintura para baixo, calças compridas que chegam até à tibia” (seriam as chamadas “calças bombachas”, largas e abalonadas, que se vêem em alguns biombos de arte Namban); “sapatos de couro” são referidos em todos os autores da época, porque na China os sapatos geralmente eram feitos de pano, com solas cosidas com cordéis de cânhamo. O autor não esconde a sua admiração pela limpeza do vestuário português, evidente traço da civilidade, especificando as qualidades dos tecidos e referindo que as “cores são muito agradáveis.”

No que se refere aos utensílios da refeição, afirma que “não usam colheres nem pauzinhos para comer.” Muito curiosa é a sua afirmação “os ricos alimentam-se de trigo e os pobres e os criados comem arroz.”

“Os casamentos fazem-se entre pessoas de situação financeira compatível.” A casamenteira era uma prática milenar da China, de modo que a sua falta na comunidade portuguesa em Macau foi realçada. A compatibilidade financeira no casamento é descrita pelo mandarim com informações concretas sobre a oferta do noivo e o dote da noiva. O casamento em Macau é religioso, com cerimónia da troca de alianças.

Pelo relato de Cai, sabemos que, a poucos anos do século XVII, as casas dos portugueses continuavam a ser “de madeira”.

Cai sabe que os portugueses vivem do comércio externo. Daí a afirmação “fazem o comércio com os seus barcos.” Os “queves” eram os *kegang* 客綱 (agente-chefe nomeado pelo governo para tomar conta dos comerciantes estrangeiros) e os *keji* 客紀 (escrivãos para os comerciantes), criados pelo *haidao* Wang Bo. Pela quase intransponível barreira linguística, os negócios faziam-se sob honra, usando os dedos como calculadora.

O autor regista uma nova vénia entre os portugueses – abraçar –, além de “tirar o chapéu”. Tenta explicar porque é que usam os escravos como guarda-costas. “As pessoas mais pobres são mais dadas a

pilhagens, sobretudo os comerciantes em trânsito. Matam-nos e apoderam-se dos seus bens. Quando encontram oficiais de patrulha podem matá-los, disso o rei não manda fazer devassa.” Isto refere-se ao corso. Curiosamente, não dá qualquer informação sobre o sistema de “provedor de ausentes e defuntos”, de que teve conhecimento.

O mandarim comenta ainda o temperamento dos portugueses: “agressivos e astutos, sabedores da fundição de canhões.” A afirmação “Agressivos e astutos” pode ser interpretada como “valentes e inteligentes”. Ao afirmar que são “sabedores da fundição de canhões” e que “não há quem possa resistir a um bala dessa arma que se chama *fulangji*” deixa bem realçada a superioridade militar portuguesa.

Poucos anos mais tarde, Wang Lingheng 王临亨 (1548-1601)⁶², um juiz desembargador de Pequim, que esteve de missão, em 1601, na cidade de Cantão, escreveu sobre os portugueses e Macau:

“Os bárbaros da Baía (Macau) têm os recipientes para bebidas e comidas muito bem feitos. Têm música automática e um relógio que dá as horas. Trata-se dum armário de madeira, onde se colocam centenas de tubos ou centenas de cordas que são accionadas por um mecanismo. Ao introduzir o ar, os tubos começam a soar e, ao tocar, as cordas começam a tanger, produzindo melodias ou rápidas ou lentas, em cadências muito agradáveis ao ouvido. O relógio que dá as horas é feito de cobre. A partir do meio-dia em ponto, bate a hora de 2 em 2 horas, o que se repete por doze vezes. As imagens dos seus Santos e as pinturas com motivos de flores, árvores, aves e animais são tão cheias de vida que não há diferenças entre os trabalhos artísticos e os objectos em si. O senhor Liu Tianyu 刘天虞⁶³ disse-me: ‘Quando fui à Baía (Macau), ao ver essas pinturas que parecem esculturas, tive vontade de falar com elas. Observei-as demoradamente até mais não poder.’”⁶⁴

O autor, mandarim da corte central, na sua produção literária pessoal não esconde a sua admiração pela cultura ocidental, ao classificar “os recipientes para bebidas e comidas” de “muito bem feitos.” Dedicou muito espaço à descrição do órgão e do relógio de dar horas. Tal como Ye Quan, refere as pinturas a óleo de Macau e cita outro mandarim para realçar o alto nível artístico deste género de pintura ocidental. A tradicional pintura chinesa não tem perspectiva; por isso, comparada com o óleo, parece monótona, sem relevos.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

LÜSONG

Lüsong é a transcrição fonética chinesa de Luzon, com que se designava principalmente a zona da Manila. As fontes chinesas chamam Da Lüsong 大呂宋 (Luzon Grande) ao país colonizador das Filipinas – Espanha – e Xiao Lüsong 小呂宋 (Luzon Pequeno) às Filipinas⁶⁵, assim como designam Portugal por Daxiyang 大西洋 (Grande Mar de Oeste) e Goa por Xiaoxiyang 小西洋 (Pequeno Mar de Oeste)⁶⁶.

Na mesma obra *Dongyi Tushuo*, a primeira obra chinesa com informações sobre a Lüsong espanhola, Cai Ruxian dá-nos muito menos informações sobre os espanhóis. Curiosamente, chegou a colocar Lüsong no grupo dos “Pequenos Bárbaros”, não sabendo que os *fulangji* – os portugueses – estavam sob a mesma coroa do rei que deu nome às Filipinas.

Cai Ruxian escreve:

“Lüsong fica a sudoeste do mar, cujos usos e costumes, trajes e casamento pouco diferem dos de Fulangji. Quando o embaixador tributário volta ao seu país, é tratado pela Administração Civil de Cantão. Agora os seus barcos vêm comerciar à baía Haojing de Xiangshan 香山.”⁶⁷

Anteriormente a esta obra, *fulangji* designava tanto os portugueses como os espanhóis, o que não era um erro, pois, inicialmente, *fulangji* queria dizer “cristãos da Europa Ocidental”. Aliás, de 1580 a 1640, Portugal esteve sob a coroa dualista. Cai Ruxian, mandarim em Cantão, tinha conhecimentos mais exactos sobre os espanhóis das Filipinas e os portugueses de Macau e estabelece, pela primeira vez, a diferença entre eles.

As várias embaixadas mandadas pelos espanhóis de Manila, nas quais talvez se possam incluir as missões do jesuíta Alonso Sánchez, foram consideradas como “tributárias”; por isso, “quando o embaixador tributário volta ao seu país, é tratado pela Administração Civil de Cantão. Agora os seus barcos vêm comerciais à baía Haojing de Xiangshan.” Apesar das proibições de Filipe II, os espanhóis continuavam a mandar os seus barcos a Macau, o que veio a dar lugar ao conflito do Pinhal⁶⁸.

Posteriormente foi He Qiaoyuan 何乔远 (1557-1633)⁶⁹ a escrever sobre os espanhóis⁷⁰. As suas informações foram aproveitadas e desenvolvidas por Zhang Xie 張燮 (1574-1640) em *Dongxiyang Kao* 东西洋考 (Estudos sobre os Mares de Leste e Oeste)⁷¹, com descrições mais concretas:

“Alguns *fulangji*, que dizem ser de Ganxila 干系腊 (Castela), vieram do Grande Oeste⁷² e também fazem o seu comércio com Lüsong. Os seus caciques bárbaros segredaram entre si: ‘podemos substituí-lo’. Por isso, aquando do aniversário do rei de Lüsong, ofereceram-lhe ouro e, em contrapartida, solicitaram-lhe um terreno do tamanho da pele de um boi para nele levantarem casas. O rei acreditou e acedeu. Os *fulangji* cortaram a pele de um boi em tiras com as quais formaram uma corda com que delimitaram um terreno, dizendo que era a superfície que queriam. O rei ficou num dilema. Mas como não podia voltar com a palavra atrás, deu-lhes esse terreno, com a imposição de um imposto mensal, estipulado pela tabela legal. Os *fulangji*, já na posse do terreno, começaram a levantar a cidadela e a construir casas, equipando-as com artilharia, sabres e escudos, entre outras coisas. Passado algum tempo, cercaram Lüsong e mataram o rei, obrigando os seus habitantes a fugir para as montanhas, passando Lüsong para as suas mãos. O rei de Ganxila mandou um cacique para tomar conta da sua guarnição, que é substituído anualmente. Hoje, os chineses que vão comerciar a Lüsong, de facto fazem comércio com os *fulangji*. Os chineses vão muito a Lüsong e muitas vezes lá permanecem por muito tempo antes de voltarem.”⁷³

“Os *fulangji*, de corpo, medem uns 7 *chi*. Com olhos parecidos com os do gato, bocas como o bico da águia. A sua cara é da cor da cal. A barba é encaracolada como fios de algodão preto e os seus cabelos são quase ruivos. Os seus monges possuem grandes poderes, por isso, quando há coisas graves, o cacique convoca os monges para um conselho. Os condenados à morte, antes de serem executados, são assistidos pelos monges com orações para que fiquem em paz com a pena. As mulheres de vez em quando vão fazer confissões aos templos, onde contam secretamente as suas intimidades aos monges. Aceitam o que ditam os monges e recebem dezenas de chicotadas de flagelação, suportadas com dores, mas sem queixas. À noite, quando ficam alojadas nos templos, estão, obedientemente, à ordem dos monges. Quanto ao casamento, os pais não podem decidir nada, tudo é decidido pelos monges. Os cadáveres são envoltos em panos e enterrados nos próprios templos. Das riquezas acumuladas em vida, metade vai para os monges.”⁷⁴

“Os seus semelhantes que estão a ocupar Xiangshan da China, há já muito tempo, não são peixe

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

nem carne. A cidade é fortemente defendida como se fosse feita de ouro, com uma baía onde vivem com arrogância.”⁷⁵

Com Zhang Xie, os chineses passam a ter um perfeito conhecimento das conotações do termo *fulangji*, nome genérico para os cristãos da Europa Ocidental e não designação exclusiva dos portugueses. Por isso, chamam os espanhóis de *fulangji* de Ganxila.

Esta história da pele de boi é muito antiga. Dela há informações desde os Fenícios. Zhang Xie sabe que havia um governador, mas erra ao afirmar que era substituído anualmente. Quando a obra estava a ser composta, nas primeiras décadas do século XVII, o comércio chinês com a Lüsong, isto é, com os *fulangji* de Castela, estava no auge, recebendo os chineses que iam comerciar às Filipinas e que se concentravam no Parián o nome de *sangleys*⁷⁶.

As descrições sobre os castelhanos são menos simpáticas, introduzindo imagens de gato e águia e cal para estabelecer comparações não muito positivas; faltam os termos reveladores de um tom de admiração e simpatia pelos portugueses. Isto demonstra uma certa antipatia chinesa, pelo menos dos *chincheos*, em relação aos espanhóis que massacraram um número considerável de *sangleys*. O autor notou a grande influência do clero e a assistência espiritual dada aos condenados à morte. São informações muito novas para a China. As confissões também não foram esquecidas. Zhang Xie deixa um certo suspense com algumas insinuações sobre relações entre algumas crenças e os religiosos, tema que virá a ser repetido noutras produções sobre o clero de Macau. O que chama a atenção do autor é o casamento de livre vontade, sem a intervenção decisiva dos pais, sendo, no entanto, descabida a afirmação de que “é decidido pelos monges”. Curiosamente, Zhang Xie soube do modo e dos lugares do enterro. São informações inéditas na literatura chinesa até essa altura.

O autor chama os portugueses de Macau de “os seus semelhantes” e acha que “não são peixe nem carne.” Uma alusão a um novo grupo antropológico: os macaenses.

BÁRBAROS RUIVOS

As primeiras informações sobre os holandeses são em número muito menor do que as relativas aos portugueses e espanhóis. O que mais chamou atenção

dos antigos chineses foi a sua característica física. “Bárbaros Ruivos” foi o primeiro nome chinês para os holandeses. Mais tarde apareceu “Helan” 荷兰⁷⁷, transcrição fonética de Holanda.

A China estava perfeitamente a par das rivalidades entre holandeses e ibéricos:

“Os *fulangji* ocuparam Lüsong e comerciavam em Xiangshan. Disso os holandeses tinham muita inveja, de maneira que passaram a navegar com os seus enormes barcos entre Java e Bornéu e construíram fortalezas de taipa para as suas bases. Como a China ficava longe e era perigosa, cobiçaram as terras mais próximas das suas bases. Apareceram em Lüsong e foram rejeitados. Tentaram Macau e não foram aceites pelos bárbaros da Baía (Macau), mas durante anos andaram à espreita, como lobos. A *Guangdong Tongzhi* 广东通志 (Crónica Geral de Cantão) regista: ‘Os diabos de pêlos ruivos não sabem a que país pertencem. No Inverno do 29.º ano (1601) do reinado de Wanli, apareceram em grandes barcos em Haojing. Andavam vestidos de vermelho e até as suas pestanas, pêlos e barbas eram ruivos. Os seus pés e dedos eram tão grandes que mediam 1 *chi* e 2 *cun*. Eram fortes e várias vezes o tamanho dos bárbaros normais da Baía (Macau). Foram inquiridos e responderam através de jurubaças que não se atreviam a fazer pirataria e o que queriam era trazer os seus tributos. Os mandarins responsáveis disseram que não convinha abrir uma excepção, mas o comissário imperial fiscal Li李⁷⁸ convocou o seu chefe para uma audiência e hospedou-o durante um mês na capital de Cantão para passeios. Os bárbaros na Baía (Macau) procuraram defender-se deles, recusando-lhes o desembarque. Acabaram por ir-se embora.”⁷⁹

Nesta passagem, *fulangji* já é usado no sentido de cristãos, compreendendo os espanhóis das Filipinas e os portugueses de Macau. O autor sabia que os holandeses andavam em disputas com uns e outros. A informação que reproduz da *Guangdong Tongzhi* é extremamente importante para percebermos a rivalidade entre os três mosqueteiros marítimos. Disso faremos uma análise mais rigorosa na parte relativa à política chinesa para com os holandeses.

Shen Defu 沈德符 (1578-1642), historiador oficioso do reinado de Wanli, escreve sobre os holandeses:

“Essas pessoas têm olhos fundos e verdes. O corpo é branco como a banha. Não são muito dados à

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

pirataria nem à pilhagem. Vários foram capturados⁸⁰ e levados para Pequim. Talvez os que andem pelos mares, muitas vezes andem à caça de prémios não sendo todos piratas. Ultimamente, têm vindo com frequência ao interior oferecendo os seus serviços à nossa Dinastia Celestial. São coisas sem precedentes desde a mais remota antiguidade.”⁸¹

A importância desta passagem reside na revelação das actividades desenvolvidas pelos holandeses no intuito de serem aceites pela China em substituição dos portugueses.

Wang Lingheng descreve-nos, num tom francamente positivo e de admiração, as características fisionómicas e a indumentária dos Europeus, provavelmente holandeses, assim como uns presentes que trouxeram:

“Os naturais do Mar do Oeste (Europa) têm olhos afundados e narizes aquilinos. São carecas, mas com barbas fartas. Andam vestidos com roupas de tecidos estampados esmeradamente confeccionadas e que dão nas vistas. A sua língua é muito esquisita, incompreensível. O comissário imperial fiscal, devido ao meu regresso ao Ministério, ofereceu-me um banquete no Zhuhaisi 珠海寺 (Templo do Mar das Pérolas). Aqueles, mal souberam que o comissário imperial fiscal ia oferecer um banquete a alguns convidados, mandaram um cacique, acompanhado de uma dezena de pessoas, com duas bandejas com bolos e uma garrafa de vinho. Os bolos vinham cobertos com um pano de um *chi* quadrado, em sinal de respeito. O comissário imperial fiscal aceitou-os e ofereceu-mos. Os bolos são de uma dezena de variedades. Cada uma com um sabor específico. São todos muito aromáticos e limpos, com formas geniais. Nem as raparigas mais prendadas das grandes famílias da minha terra conseguiriam fazer melhor. Parecem panos brancos, com motivos tecidos de ondas, muito bem feitos, que na minha terra não conseguem imitar. Trouxe comigo os bolos e o vinho para os oferecer aos que se interessem por eles.”⁸²

Sobre a recusa dos holandeses pelos portugueses, escreve:

“Na 9.^a lua do ano *xinchou* 辛丑⁸³, apareceram dois barcos bárbaros na Baía de Xiangshan⁸⁴. Nem os jurubaças sabiam de que país eram. Chamavam-nos de ‘diabos de pêlos ruivos’. Essas pessoas tinham cabelos e barbas todos ruivos e olhos arregalados. Os seus corpos mediam mais ou menos um *zhang* 丈⁸⁵. Os seus

barcos eram enormes, revestidos de folhas de cobre e com um calado de 2 *zhang*. Os bárbaros da baía de Xiangshan estavam preocupados com os seus intuitos comerciais, ainda mais com o seu interesse pela Baía. Expulsaram-nos com soldados. Os seus barcos foram para o alto mar e foram-se com o vento, sem saber para onde.”⁸⁶

Trata-se do primeiro relato chinês da falhada tentativa holandesa de entrar em Macau⁸⁷. As autoridades chinesas sabiam que “os bárbaros da baía de Xiangshan estavam preocupados com os seus intuitos comerciais, ainda mais com o seu interesse pela Baía.” Aparecera um novo elemento europeu no *puzzle* das já complicadas relações entre a China e os europeus no Extremo Oriente.

Wang Lingheng descreve-nos como foi delinada a política de Cantão perante a rivalidade luso-holandesa:

“P. S da conversa na noite do 14.^o dia da 9.^a lua⁸⁸. O senhor Dai 戴, vice censor-mor, ofereceu-me mais um banquete na sua repartição. Na altura tinham aparecido na Baía de Xiangshan dois grandes navios com duas centenas dos chamados ‘diabos de pêlos ruivos’, que eram bárbaros marítimos. Dizia-se que o senhor Dai enviara soldados para os capturar. A meio do banquete, perguntei ao senhor Dai: ‘Ouvi dizer que houve recentemente sinais de perigo pelo mar, é verdade?’ Respondeu-me: ‘Sim, é verdade.’ ‘Também ouvi dizer que o senhor mandou uma expedição contra eles, é verdade?’ Respondeu-me: ‘Isto é uma ideia dos meus assessores. Enviei as forças navais para os observarem a uma distância de 20 *li* 里⁸⁹ para ver o que acontecia.’ Retorqui: ‘Seriam piratas ou comerciantes? Talvez tivessem sido surpreendidos por alguma tempestade, como cavalos selvagens que fogem a galope levantando o pó’. Respondeu-me: ‘Não sei bem, mas em boa parte deve ser por razões comerciais. Como os bárbaros da Baía de Xiangshan ocupam o porto para fazer comércio, há disputa entre eles. Teriam os bárbaros da Baía (Macau) força suficiente para resistir aos ‘pêlos ruivos’? Se a tivessem, seriam bárbaros contra bárbaros, sem que necessitássemos gastar sequer uma frecha e com a vantagem de vermos divulgado o nosso prestígio pelo mar fora. Caso não conseguissem resistir, deixaríamos os pêlos ruivos fazer o comércio. O que perdíamos com os bárbaros da Baía (Macau) iríamos recuperá-lo com os pêlos ruivos. Considerando ser uma

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

estratégia muito completa, mandei as forças navais apenas para observarem a situação de longe. Qual é a sua opinião?’ Respondi: ‘É uma estratégia muito boa, nada tenho a apontar. Dos bárbaros da Baía de Xiangshan que ocupam o porto, diz-se serem centenas de milhar. Com essa quantidade contra duas centenas, é como uma tempestade contra penas de aves. Se estas 200 pessoas vieram para comerciar, não se lhes pode imputar qualquer crime. Se senhor Dai tivesse dado instruções para os aniquilar, não seria algo que o inquietaria no resto da sua vida? Se não conseguisse acabar com todos, deixando um ou outro fugir à vela, voltariam com seus sequazes para tentar a vingança. Se nos atacarem, nós é que sofreremos. Sendo eles de carácter animalesco, como podem distinguir o bem do mal: não serão os chineses as vítimas do que acontecer? Mais vale seguir uma humilde sugestão minha. Penso que pelo mar, para além de Xiangshan, há mais surgiduros para o comércio. Seria melhor o senhor Dai mandar um intérprete perguntar-lhes com bons modos ao que vêm. Se, na verdade, vierem com fins comerciais, mandaria um mandarim competente procurar outro surgiduro para os acomodar. Seriam dadas instruções aos bárbaros de Xiangshan para que com eles vivessem em boa harmonia, dizendo-lhes que ambos eram hóspedes e cada um fazia o seu comércio com a China, sem que um interferisse com o outro. Não poderiam envolver-se em matanças. Aquele que tomasse a iniciativa do ataque seria de imediato aniquilado pela China. O nosso Senhor, Sua Majestade Imperial, considera os produtos exóticos tão preciosos como o ouro e o jade. Com mais um surgiduro, haveria mais uma via para a sua obtenção. Actuando desta forma, o senhor mostrava a sua grande lealdade para com Sua Majestade. Caso ambos os bárbaros desistissem das suas intenções bélicas, seria uma grande generosidade do senhor Dai. Se, em nome do Filho do Céu, o senhor Dai lhes dissesse, os bárbaros não chegariam a vias de facto pelo medo que lhes era imposto. Isto seria um prestígio para o senhor Dai. Caso os deixasse andar em provocações e desavenças, não seria a China a sofrer as consequências? O senhor Dai respondeu: ‘Ótima ideia’. E saboreámos o vinho até ao fim do banquete.”⁹⁰

Este registo assume uma grande importância para percebermos a posição chinesa em relação às outras potências que apareceram depois dos portugueses. As

autoridades locais de Cantão não queriam intervir nos conflitos entre os Europeus. A ideia fundamental era “o que perdíamos com os bárbaros da Baía (Macau) iríamos recuperá-lo com os pêlos ruivos.” Era-lhes indiferente quem estivesse em Macau: o que importava era manter aberto um porto por onde entrassem os produtos exóticos. Wang Lingheng apresentou a proposta de um outro surgiduro para os holandeses, pois seria do interesses do imperador e, para que os portugueses não incomodassem os Holandeses, “seriam dadas instruções aos bárbaros de Xiangshan para que com eles vivessem em boa harmonia, dizendo-lhes que ambos eram hóspedes e cada um fazia o seu comércio com a China, sem que um interferisse com o outro.” E com uma advertência: “não poderiam envolver-se em matanças. Aquele que tomasse a iniciativa do ataque, seria imediatamente aniquilado pela China.”

Parece que esta ideia foi aceite. Li Feng 李凤, comissário imperial fiscal, “convocou o seu chefe para uma audiência e hospedou-o durante um mês na capital de Cantão para passeios.”⁹¹ Isto prova que houve contactos políticos entre a máxima autoridade de facto de Cantão e os holandeses. Li estava desentendido com os portugueses e jesuítas de Macau, por não ter conseguido os saguates que pretendia⁹². Muitas fontes chinesas provam a cumplicidade entre Li e os holandeses para expulsar os portugueses de Macau⁹³. Mesmo que conseguissem substituir os portugueses em Macau, como sobreviveriam os holandeses sem o consentimento tácito das autoridades de Cantão, fosse a nível oficial ou particular?

CONCLUSÃO

Em suma, as multifacetadas descrições acima reproduzidas, seja de um letrado civil seja de mandarins, provinciais ou centrais são, em relação aos portugueses e Macau, espanhóis e holandeses e, por extensão, à cultura ocidental, francamente elogiosas e positivas. A admiração pela civilização ocidental está ora latente ora expressa. Não vemos nenhuns “canibais”, forçados⁹⁴ nos documentos oficiais com origem em Cantão.

A presença dos “Três Mosqueteiros Marítimos” na China teve um grande impacto na mentalidade chinesa, até então caracterizada pelo seu sinocentrismo, tendo provocado mudanças graduais no conceito chinês do Mundo e enriquecendo o imaginário colectivo chinês sobre o exótico. **RC**

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

NOTAS

- 1 Jin Guo Ping 金国平 e Wu Zhiliang 吴志良, “Os impactos da conquista de Malaca em relação à China Seiscentista. Uma abordagem sobre a periodização da História Moderna da China”, in *Administração*, n.º 49, Setembro de 2000, pp. 939-946.
- 2 Para uma recente identificação de Tamão com Dongchong, na ilha de Lantao de Hong Kong, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “Cong Xifang Hanghai Jishu Ziliao Kao Tumon Zhi Mingshi” 从西方航海技术资料考 Tumon 之名实 (Uma tentativa de identificação de Tamão a partir dos roteiros marítimos portugueses), in *Dongxiwangyang* 东西望洋 (Em busca de História(s) de Macau Apagadas pelo Tempo), Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau, 2002, pp. 259-274.
- 3 Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “Uma embaixada com dois embaixadores. Novos dados orientais sobre Tomé Pires e Hoja Yasan”, in *Administração*, n.º 60, Junho de 2003, pp. 685-715.
- 4 Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “Razões palacianas na origem de Macau”, in *Macau*, III série, n.º 14, Maio de 2003, pp. 82-95 e n.º 15, Agosto de 2003, pp. 96-107.
- 5 Jin Guo Ping, “Yesuhui Duihua Chuanjiaozhengce Yanbian Jiyin Chutan – Jianlun Puxi Zhengfu Zhongguo Jihua” 耶稣会对华传教政策演变的基因初探 - 兼论葡西征服中国计划 (Em busca dos motivos que levaram os Jesuítas a reformular a sua política missionária na China. Um relance histórico sobre os projectos ibéricos de conquista da China), in *Xili Dongjian – Zhongguo Zaoqi Jiechu Zuixi* 西力东渐—中葡早期接触追昔 (O Ocidente ao Encontro do Oriente. Uma Retrospectiva dos Primeiros Contactos Luso-Chineses), Macau: Fundação Macau, 2000, pp. 120-157; Manel Ollé i Rodríguez, *Estrategias filipinas respecto a China: Alonso Sánchez y Domingo Salazar en la empresa de China (1581-1593)*, Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998, 2 vols.; *La invención de China. Percepciones y estrategias filipinas respecto a China durante el siglo XVI*, Wiesbaden: Harrassowitz, 2000 e *La empresa de China. De la Armada Invencible al Galeón de Manila*, Barcelona: Alcantilado, 2002. O artigo intitulado “Xibanya Felubao Ershi yu Zhongguo” 西班牙菲律宾二世与中国 (Filipe II de Espanha e a China) do historiador de Taiwan Bao Zunpeng 包遵彭 é, que saibamos, o primeiro trabalho em chinês sobre este tema. Cf. *Bao Zunpeng Wencun* 包遵彭文存 (Obras de Bao Zunpeng), Taipé: Biblioteca Nacional Central e Museu Histórico Nacional, 1980, pp. 537-549.
- 6 Era o antigo nome chinês para as Filipinas. Cf. Chen Jiarong 陈佳荣 e outros, *Gudai Nanhai Diming Huishi* 古代南海地名汇释 (Notas para a Antiga Toponímia do Mar Meridional), Pequim: Livraria China, 1986, pp. 343-344 e 985. Para uma bibliografia básica e actualizada sobre as Filipinas, cf. Rui Manuel Loureiro, “Contactos ibéricos com as Filipinas nos séculos XVI e XVII: Breves apontamentos bibliográficos”, in *Revista de Cultura*, Edição Internacional, n.º 7, Julho de 2003, pp. 95-107; e José Manuel Garcia, *As Filipinas na Historiografia Portuguesa do Século XVI*, Porto: CEPESA, 2003.
- 7 Sobre a etimologia deste termo e suas variantes, cf. Luís de Albuquerque, *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa: Editorial Caminho, 1994, vol. I, p. 435; Paul Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming”, in *T’oung Pao*, n.º 39 (Leiden, 1949), pp. 163-164 e 204-207 e “Fulangji” in Wu Zhiliang e Jeong Wan Chong 杨允中 (dir.), *Aomen Baiké Quanshu* 澳门百科全书 (Enciclopédia de Macau), Macau: Fundação Macau, 1999, p. 223.
- 8 Rui Manuel Loureiro, “Imagem da China na cultura dos descobrimentos portugueses”, in *Revista de Cultura*, n.º 23, pp. 13-18; “Visões da China na literatura ibérica dos séculos XVI e XVII , Antologia Documental”, in *Revista de Cultura*, n.º 31, Abril-Junho de 1997 e Rui Manuel Loureiro, *Shiliu be Shiqi Shiji Yibiliya Wenxue Shiye Li De Zhongguo Jingguan* 十六和十七世纪伊比利亚文学视野里的中国景观 (Visões da China na literatura ibérica dos séculos XVI e XVII), Henan: Editora Elefante, 2003 (reedição revista pelo Prof. Tang Kaijian 汤开建, com base num estudo crítico de Jin Guo Ping sobre os erros de tradução na edição, em chinês, n.º 31 da *Revista de Cultura*).
- 9 Sobre este cargo, cf. Jin Guo Ping, “Combates a Piratas e a Fixação Portuguesa em Macau”, in *Revista Militar*, Lisboa, 1999, n.º 2364, pp. 204-205, nota 26.
- 10 Segundo Ruan Yuan 阮元, *Guangdong Tongzhi* 广东通志 (Crónica Geral de Guangdong), Gu Yingxiang assumiu as funções de sub-comissário da Administração Judicial de Cantão a partir de 1516. Cf. a edição da Editora dos Clássicos, Xangai, 1990, vol. I, p. 367.
- 11 Paul Pelliot, “Un Ouvrage sur les premiers temps de Macao”, in *T’oung Pao*, vol. XXXI (1935), p. 61. Wang Hong, importante mandarim largamente referenciado na *Mingshi* 明史 (História dos Ming), foi quem chefiou as forças navais chinesas que travaram uma batalha na foz do rio das Pérolas com a frota de Martim Afonso de Melo Coutinho, em 1522. Sobre este primeiro conflito armado sino-português, cf. Jin Guo Ping, “1521-1522 Nianjian Zhongguo Junshi Chongtu – Xicaoowan Shikao” 1521-1522 年间中葡军事冲突—西草湾试考 (Os conflitos armados sino-português entre 1521 e 1522. Uma tentativa de identificação do lugar da batalha naval da armada de Martim Afonso de Melo Coutinho), in *Xili Dongjian* 西力东渐 (O Ocidente ao Encontro do Oriente), Macau: Fundação Macau, 2000, pp. 1-18.
- 12 Sobre esta instituição, cf. Jin Guo Ping, “Combates a Piratas...”, pp. 204-205, nota 26.
- 13 De facto, eram berços.
- 14 Por identificar.
- 15 Paul Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, p. 96, nota 16 e Guo Fei 郭斐, *Guangdong Tongzhi* 广东通志 (Crónica Geral de Guangdong), vol. 63, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti Danganwenxian Huibian* 明清时期澳门问题档案文献汇编 (Coleção de Arquivos e Documentos das Dinastias Ming e Qing relativos a Macau), Pequim: Edições do Povo, 1999, vol. 5, p. 186.
- 16 A actual Jingdezhen 景德镇. Paul Pelliot ...” (“Le Hoja et le Sayyid Husain...”, p. 100), depois de ter analisado muitas versões sobre a nacionalidade de Hoja Yasan, chegou a esta conclusão: “... le nom était musulman et ne pouvait guère s’appliquer à un vrai Chinois.” Esta afirmação à luz deste novo elemento, merece um reparo. Hoja Yasan era um chinês de gema. Recentemente, Geoff Wade fez uma inovadora investigação sobre as andanças de Yasan em Malaca (Geoff Wade, “The Portuguese as represented in some Chinese sources of the Ming Dynasty”, in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), *Portugal e a China. Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa*, Lisboa: Fundação Oriente, 2000, pp. 272-276.
- 17 Capitão. Sobre esta confusão, ver Raffella d’Intino, *Enfomções das Cousas da China*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, pp. 20-21 e P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, pp. 90-91, nota 10.
- 18 O “comqom”, “conquão” e “comquō” da carta de Cristóvão Vieira. “Comqom”, e as suas variantes, vêm do chinês *zhonguan* 中官 que, literalmente, quer dizer “oficial do interior palaciano”, um dos muitos eufemismos de eunuco. O *zhonguan* destacado em Cantão era uma espécie de comissário fiscal imperial. A etimologia chinesa dada por Dalgado – *tsong-kuan* – é infundada. Outro eufemismo de eunuco é *zhongchen* 中臣 (funcionário do interior

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

- palaciano). Cf. P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, p. 127, nota 86.
- 19 Importante funcionário dos reinados de Zhengde e Jiajing 嘉靖 (1522-1566), largamente referenciado na *Mingshi*.
- 20 O “chouping” e “compim” da carta de Cristóvão Vieira. A etimologia chinesa dada por Dalgado – *kung-ping* – não é correcta. Para mais informações, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Yueao Gongdu Lucun* 粵澳公牒錄存 (Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado), Macau: Fundação Macau, 2000, vol. I, pp. 35-37.
- 21 Tomé Pires.
- 22 O “tutão” da carta de Cristóvão Vieira. Sobre Chen Jin, cf. P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, p. 92. Para mais informações sobre este cargo, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Yueao Gongdu Lucun*, vol. I, pp. 17-18.
- 23 P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, p. 92, nota 12 e p. 113, nota 47.
- 24 Prostração. Sobre este tema, ver Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XXI*, Lisboa: Fundação Oriente, 2000, p. 286, nota 85.
- 25 Também conhecido como *meihuapiannao*, uma espécie de *longnao* (miolo de dragão, cânfora de Bornéu). Cf. Friederich Hirth & W. W. Rockhill, *Chau Ju-Kua - His Work on the Chinese and Arab Trade in the twelfth and thirteenth centuries, entitled Chu-fan-chi*, Taipé: Ch'eng-Wen Publishing Company, 1970, pp.156 e 193-195.
- 26 Cf. J. V. G. Mills (trad., ed.), *Ma Huan – Ying-Ya Sheng-Lan. The Overall Sorcey of the Ocean's Shores, 1433*, Londres: Hakluyt Society, 1970, p. 156, nota 2 e Huang Shengzeng 黄省增, *Xiyang Chaogong Dianlu* 西洋朝贡典录 (Vademecum dos Países Tributários do Mar do Oeste), edição de Xie Fan, Pequim: Livraria China, 1982, p. 42, nota 3.
- 27 Nome dum tecido grosseiro de fios de seda vermelha.
- 28 Do persa *saqalāt*, pano de lã. Segundo fontes oficiais chinesas, Cola mandou de tributo à China *hong sahala*, que quer dizer *saqalāt* vermelho. Cf. *Zhongguo Zaiji zhong Nanya Shiliao Huibian* 中国载籍中南亚史料汇编 (Collection of South Asian Historical Materials from chinese source), Universidade de Pequim e Editora dos Clássicos, Xangai, 1994, vol. II, pp. 930-931 e 950.
- 29 Espadagão ou falcata. Talvez seja identificável com o *folang shuangrendao* 拂郎双刀刀 (espada de dois gumes) que Calecute mandou de tributo à China, cf. *Mingshi*, p. 8441. Também cf. P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, pp.163-164, nota 180.
- 30 Talvez seja identificável com o *baotiedao* 宝铁刀 (terço de ferro de tesouro) que Calecute mandou de tributo à China. Cf. *Mingshi*, p. 8441. Fica aqui uma correcção: *baotiedao* deve ser *bintiedao* 宝铁刀 (terço de ferro adamascado). Os autores da *Mingshi* seguiram o erro de *Shuyu Zoujilu* 殊域周咨录 (Detalhadas Informações sobre os Países Exóticos) e *Siyi Guangji* 四夷广记 (Descrição Geral dos Bárbaros), entre outras obras. A expressão correcta é *bintie* que quer dizer “ferro adamascado”, cf. *Huangming Siyi Kao* 皇明西夷考 (Estudos sobre os Bárbaros da Augusta Dinastia Ming), entrada “Bengala”, in *Zhongguo Zaiji zhong Nanya Shiliao Huibian* (Collection of South Asian Historical Materials from Chinese Source), vol. II, p. 924. *Siyi Guangji* regista *bintiedao* como parte do tributo que Bengala levava à corte chinesa.
- 31 Liang Zhuo 梁焯.
- 32 O imperador Zhengde.
- 33 P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, Apêndice III, pp.249-272.
- 34 De Agosto de 1520 a 22 de Maio de 1521.
- 35 Aproximadamente 33,333 cm.
- 36 Por identificar.
- 37 Gu Yingxiang, *Jingxuzhai Xiyinglu*, Pequim: Editora de Referências Bibliográficas e Fontes Históricas, 1998, vol. XII, pp. 19-20 e
- Hu Zongxian 胡宗宪, *Chouhai Tubian* 筹海图编 (A Defesa Marítima Ilustrada), vol. 13, “Armas, Fulangji Ilustrado”, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, pp. 144, 19-21.
- 38 Luís de Albuquerque, *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, vol. I. p. 435,
- 39 De facto, eram berços.
- 40 Han Lin 韩霖, *Shouyu Quanshu* 守圉全书 (Livro Completo da Defesa), s. l. 1635, vol. III, parte I, p. 81. De momento, só existe um exemplar deste livro em Taiwan. Nele existe um documento em chinês, traduzido do português, sobre os serviços militares que os portugueses prestaram aos Ming. Eis o texto: Memorial ao Trono apresentado pelo Procurador sobre os antecedentes de serviços prestados como prova da sua lealdade “Eu, vosso vassalo, procurador do Senado e dos barcos comerciais de Xiyang, residente na Baía de Haojing da Prefeitura de Guangzhou de Guangdong tenho a máxima honra de memoriar Vossa Majestade nos seguintes termos: Exposição detalhada sobre os antecedentes de serviços prestados como prova da sua lealdade, à espera da vossa santa e augusta apreciação. Temos a hora de informar Vossa Majestade de que eu, o procurador e outros, somos pessoas dum país litoral da Europa, no Extremo Ocidente. Seguimos as doutrinas de Deus, senhor do Céu e Terra e comerciamos por todas as terras. Ao chegarmos a um país, observamos as leis locais, somos leais, credíveis e coerentes, sem nunca termos infringido nenhuma lei. A nossa humilde terra fica a 90 mil *li* a oeste da China, e nunca entrámos no comércio tributário. Aconteceu que a vossa Dinastia Celestial expulsara os bárbaros Yuan e a prestigante notícia chegou ao nosso país, de maneira que eu, o procurador e outros, estudando os ventos, atravessámos os mares por 6 anos. Durante o reinado de Zhengde, acabámos por arribar às águas exteriores dos mares de Guangdong. Desde lá para cá, já passaram 120 anos. Vivemos sob 7 imperadores e dedicamo-nos ao comércio externo e pagamos anualmente, como impostos, mais de 22 mil taéis de prata. Até ao 36.º ano do reinado de Jiajing (1557), com o passar dos tempos, as máximas autoridades e os notáveis locais de Guangdong começaram a conhecer o que pensamos. Os piratas de Ama, entre outros, ocupando a Baía de Haojing, andavam a assolar os mares e deixaram as aldeias assustadíssimas, convocaram mediante officio o procurador e outros a destruir o covil dos piratas. Começaram a autorizá-los a viver em Haojing no regime de emigrados, na qualidade de vassalos estrangeiros, que lhes deram terra e fornecimento de víveres. Apesar de ser um canto pobre à beira-mar, que não mede mais do que 5 *li* de comprimento e apenas 1 *li* de largura, tantos os restos mortais dos nossos antepassados como a vida dos nossos descendentes encontram-se sob as mercês imperais. Em duas estações vamos à feira de Cantão e fazer o comércio pelo mar de Guangdong. Letrados e civis vivem em paz...” Este documento data de 1630 e foi publicado em 1635. Trata-se do único documento em chinês em que os portugueses relatam ao imperador os serviços prestados ao Império do Meio. Agradecemos ao Prof. Tang Kaijian que nos forneceu este documento.
- 41 Ver, por exemplo, P. Pelliot, “Le Hoja et le Sayyid Husain...”, p. 124.
- 42 Luís Fróis, S. J., *História do Japão*, vol. I, (1549-1564), Lisboa: Biblioteca Nacional, 1976, p. 52.
- 43 *Ibidem*, p. 141.
- 44 Corresponde a Setembro-Outubro de 1584. Cf. ARSI, Jan.-Sin., I. 189.
- 45 Natural de Xiuning 休宁 da província de Anhui 安徽. Poeta e viajante. Deve ter visitado Macau nos finais de 1565.
- 46 Para um estudo mais aprofundado sobre este documento, cf. Tang Kaijian 汤开建, *Mingqing Shidafu Yu Aomen* 明清士大夫与澳门 (Letrados e Mandarins das Dinastias Ming e Qing e Macau), Macau:

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

- Fundação Macau, 1998, pp. 3-25 e *Aomen Kaibu Chuqishi Yanjiu* 澳门开埠初期史研究 (Estudos sobre os Primórdios da Abertura de Macau), Pequim: Livraria China, 1999, pp. 131-153.
- 47 Sinónimo de Guangdong.
- 48 1564. Sobre este episódio, ver Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários...*, pp. 563-588 e Jorge Manuel dos Santos Alves, *Um Porto entre Dois Impérios. Estudos sobre Macau e as Relações Luso-Chinesas*, Macau: Instituto Português do Oriente, 1999, pp. 51-102.
- 49 Mo Yi 莫抑.
- 50 No sentido da variedade de adornos.
- 51 Facalhão, catana. Do malaio *párang*. Cf. Graciete N. Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988, p. 506.
- 52 Aproximadamente 3,333 cm.
- 53 Ye Quan, *Xianbo Bian* 贤博编 (Coleção de Bondade e Sabedoria). Pequim: Livraria China, 1997, pp. 23-24 e 44-46.
- 54 O reconhecimento da superioridade militar portuguesa e a intenção de a aproveitar para a defesa nacional terá sido a pedra basilar de toda a política chinesa para com os portugueses e Macau. Sobre este tema, cf. Wu Zhiliang, “O papel que Macau tem desempenhado na História Moderna e Contemporânea da China”, palestra de encerramento da VII Semana Cultural da China, Colóquio Internacional sobre a China - China Ontem e Hoje: Um país rumo ao futuro, organizado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 19 a 24 de Janeiro de 2004 (no prelo).
- 55 *Fonti Ricciane: Storia dell'introduzione del cristianesimo in Cina scritta da Matteo Ricci S. I., Nuovamente edita e ampiamente commentata col sussidio di molte fonti inedite e delle fonti cinesi* de Pasquale M. d'Elia S. I., Roma: La Libreria dello Stato, 1942, vol. I, pp. 149-150.
- 56 Antiga medida de capacidade, equivalente a 10 *dou* 斗, posteriormente a 5 *dou*. Um *dou* corresponde a 10 litros.
- 57 Domingo.
- 58 Musselina.
- 59 Usava-se o anel como sinete, daí a ideia de “selo”.
- 60 No texto original não se especifica se era prata ou ouro.
- 61 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 137
- 62 Natural de Kunshan 昆山 de Suzhou 苏州, alcançou o grau académico de *jinsbi* em 1589.
- 63 Natural de Longyou 龙游 de Shaanxi 陕西 (hoje Yanshui, província de Gansu), exerceu funções oficiais na cidade de Cantão.
- 64 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 370.
- 65 Chen Jiarong, *Gudai Nanhai Diming Huishi*, pp. 343-344 e 985.
- 66 Jin Guo Ping, “Da Xi Yang Guo” (O reino do Grande Mar do Ocidente), in *Daxiyanguo - Revista de Estudos Asiáticos*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e Instituto do Oriente, vol. 1, n.º 1, 1º semestre, 2002, pp. 6-31.
- 67 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 136.
- 68 Wu Zhiliang, *Segredos de Sobrevivência. O Sistema Político e o Desenvolvimento Político de Macau*, Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau, 1998, pp. 85; Jin Guo Ping, “O Pinhal ou El Pinal kao” (Um estudo sobre o Pinhal e El Pinal), in *Zhongguo Guanxi Shidi Kaozheng* 中葡关系史地考证 (As Relações Luso-Chinesas Histórica e Geograficamente Falando), Macau: Fundação Macau, 2000, pp. 324-343 e Rui Lourido, “Portugueses e Espanhóis em Macau e Manila com os Olhos na China”, in *Revista de Cultura*, Edição Internacional, n.º 7, p. 30.
- 69 Natural de Jinjiang 晋江 de Quanzhou 泉州, província de Fujian 福建. Alcançou o grau académico de *jinsbi* em 1586. Ocupou muitos cargos oficiais, tanto provinciais como centrais.
- 70 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 73
- 71 Leonard Blussé e Zhuang Guotu, “Fuchienese commercial expansion into the Nanyang as mirrored in the Tung-hsi yang k'ao”, in *Revista de Cultura*, edição em português, n.ºs. 13-14. 1991, pp. 140-149. Este livro é um rico manancial informativo sobre as relações entre chineses, portugueses, espanhóis e holandeses no Sudeste Asiático. Não tem merecido um estudo aprofundado até agora. Deve ser objecto de investigação duma equipa internacional para se fazer uma boa edição crítica e anotada.
- 72 Refere-se à Europa.
- 73 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 147.
- 74 *Ibidem*, vol. 5, p. 148
- 75 *Ibidem*.
- 76 Sobre uma discussão etimológica deste termo, cf. Jin Guo Ping, “Relações luso-espanholas no contexto chinês”, in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), *Portugal e a China. Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa*, pp. 252-253.
- 77 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, pp. 73 e 149.
- 78 Li Feng 李凤. Para as suas funções em Guangdong, cf. Wang Chuan 王川, *Shibo Taijian yu Nanhai Maoyi - Mingdai Guangdong Shibo Taijian Yanjiu* 市舶太监与南海贸易—明代广东市舶太监研究 (The Eunuch Superintendents of Maritime Trade and the South China Sea Trade Studies of the Eunuch Superintendents of Maritime Trade in Guangdong in Ming Dynasty), Hong Kong: Tianma Tushu Youxiangongsi, 2001, pp. 118-166.
- 79 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 149
- 80 *Ibidem*, vol. 5, p. 316.
- 81 *Ibidem*, vol. 5, p. 373.
- 82 *Ibidem*, vol. 5, p. 369.
- 83 Entre Setembro e Outubro de 1601.
- 84 Macau.
- 85 Aproximadamente 3,333 metros.
- 86 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 370
- 87 Sobre a primeira tentativa holandesa, cf. Manuel Teixeira, *Os Militares em Macau*, Macau: Imprensa Nacional de Macau, 1976, pp. 207-208.
- 88 9 de Outubro de 1601.
- 89 Cerca de 500 metros.
- 90 Wang Lingheng 王临亨, *Yuejian Pian* 粤剑篇 (Coleção da Espada de Guangdong), Pequim: Livraria China, 1997, pp. 103-104.
- 91 Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti...*, vol. 5, p. 149
- 92 *Ibidem*, vol. 5, pp. 251-253.
- 93 Sobre este tema, veja o excelente trabalho de Tang Kaijian, “Ming Zhu Wubi ‘Can Yuedang Gouyi Shu’ Zhong de Aomen Shiliao—Jiantan Li Feng yu Aomen zhi Guanxi 明朱吾弼《参粤瑞勾夷疏》中的澳门史料—兼谈李凤与澳门之关系 (Sobre as fontes relativas a Macau no Memorial ao Trono contra o Comissário Imperial Fiscal de Guangdong, apresentado por Zhu Wubi da Dinastia Ming), in *Aomen Kaibu Chuqishi Yanjiu* 澳门开埠初期史研究 (Estudos sobre os Primórdios da Abertura de Macau), pp. 154-173.
- 94 Já desmontámos a lenda do “canibalismo” dos portugueses (Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “Shiren Shengfan Shuo Zhi Bianxi” “食人生番”说之辨析 (“A lenda do ‘canibalismo português’ nas fontes chinesas”), in *Dongxiwangyang* (Em busca de História(s) de Macau Apagadas pelo Tempo), pp. 247-258). Estamos a preparar uma versão portuguesa, a publicar em breve.